

KARL KERÉNYI

A MITOLOGIA DOS GREGOS

Vol. I
A história dos deuses e dos homens



KARL KERÉNYI

A MITOLOGIA
DOS GREGOS

Vol. I

A história dos deuses e dos homens

Tradução de Octavio Mendes Cajado



Petrópolis



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kerényi, Karl, 1897-1973.

A mitologia dos gregos : vol. I : a história dos deuses e dos homens / Karl Kerényi ; tradução de Octavio Mendes Cajado. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2015.

Título original alemão: Die Mythologie der Griechen : Teil I, Die Götter-und Menschheitsgeschichten

Bibliografia

ISBN 978-85-326-5041-2 – Edição digital

1. Mitologia grega – História I. Título. IV. Série.

14-02722

CDD-292.0809

Índices para catálogo sistemático:

1. Mitologia grega : História 292.0809

© 1951, 1997. Klett-Cotta – J.G. Cotta'sche Buchhandlung Nachfolger GmbH, Stuttgart

Direitos de publicação em língua portuguesa – Brasil:
2015 Editora Vozes Ltda.
Rua Frei Luís, 100
25689-900 Petrópolis, RJ
www.vozes.com.br
Brasil

Título original alemão: *Die Mythologie der Griechen – Teil I – Die Götter-und Menschheitsgeschichten*

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Diretor editorial

Frei Antônio Moser

Editores

Aline dos Santos Carneiro

José Maria da Silva

Lídio Peretti

Marilac Loraine Oleniki

Secretário executivo

João Batista Kreuch

Editoração: Maria da Conceição B. de Sousa

Diagramação: Sandra Bretz

Capa: Felipe Souza | Aspectos

Ilustração de capa: Bóreas rapta Oritia (detalhe)

ISBN 978-85-326-5041-2 (edição brasileira digital)

ISBN 3-608-91824-8 (edição alemã impressa)

Esta obra foi publicada anteriormente pela
Editora Pensamento–Cultrix, com o título *Os
deuses gregos.*

Editado conforme o novo acordo ortográfico.

Para minha esposa Dildil.

SUMÁRIO

Introdução

I – O começo das coisas

II – Histórias dos Titãs

III – As Moiras, Hécate e outras divindades pré-olimpianas

IV – A grande deusa do amor

V – A Grande Mãe dos Deuses e seus companheiros

VI – Zeus e suas esposas

VII – Métis e Palas Atena

VIII – Leto, Apolo e Ártemis

IX – Hera, Ares e Hefesto

X – Maia, Hermes, Pã e as Ninfas

XI – Posídon e suas esposas

XII – O Sol, a Lua e a sua família

XIII – Prometeu e a raça humana

XIV – Hades e Perséfone

XV – Dioniso e suas companheiras

Fontes

Lista das fontes

Imagens

Lista das ilustrações

Índice geral

Textos de capa

INTRODUÇÃO

Este livro deve sua origem à convicção, partilhada pelos editores e pelo autor, de que chegou a hora de escrever uma mitologia dos gregos para *adultos*; vale dizer, não apenas para especialistas empenhados em estudos clássicos, da história da religião ou da etnologia; menos ainda para crianças, para as quais, no passado, os mitos clássicos eram remodelados ou, pelo menos, cuidadosamente escolhidos de modo que se ajustassem aos pontos de vista da educação tradicional; mas simplesmente para adultos cujo interesse principal – que pode implicar interesse por qualquer um dos ramos do saber supramencionados – reside no estudo dos seres humanos. A forma contemporânea de que esse interesse se reveste é, naturalmente, o interesse pela psicologia. E, como admitiu um grande expoente do pensamento humanístico moderno, é precisamente a psicologia que “contém dentro de si o interesse pelo mito, assim como todo escrito criativo contém dentro de si o interesse pela psicologia”.

Essas palavras foram pronunciadas em 1936 por Thomas Mann, em sua conferência sobre “Freud e o futuro”. Ao mesmo tempo em que pagava tributo aos serviços prestados pelo psicólogo do Inconsciente, dos níveis mais profundos da alma, o grande escritor, com efeito, olha além do mesmo, para o futuro. Mann retrata com clareza insuperável a situação espiritual na qual o autor deste livro, por seu lado, encontra justificativa para este trabalho mitológico. A regressão da psicologia à infância da alma individual representa, para citar-lhe as palavras,

ao mesmo tempo, uma regressão à infância da humanidade – ao primitivo e ao mítico. O próprio Freud reconheceu que toda a ciência natural, a medicina e a psicoterapia têm sido para ele uma volta tortuosa, que durou toda a vida, à sua principal paixão juvenil pela história do homem, pelas origens da religião e da moral. A associação entre as palavras “psicologia” e “níveis mais profundos” tem outrossim um significado cronológico: as profundezas da alma humana são também os “Tempos Primordiais”, aquele profundo “Poço do Tempo” em que o Mito tem o seu lar e do qual derivam as normas e formas de vida originais. Pois o Mito é o fundamento da vida; é o padrão sem fim, a fórmula religiosa pela qual a vida se modela, visto que suas características

são uma reprodução do Inconsciente. Não há dúvida alguma a esse respeito, no momento em que o contador de histórias adquire o jeito mítico de olhar para as coisas, o dom de ver os traços típicos das características e dos acontecimentos –

assim, reveladoramente, declara o autor de *José e seus irmãos* –

esse momento marca um início na sua vida. Significa uma intensificação peculiar do seu estado de espírito artístico, uma nova serenidade em seus poderes de percepção e criação. De ordinário, isto é reservado para os anos subsequentes da vida; pois ao passo que na vida da humanidade o mítico representa um estágio anterior e primitivo, na vida do indivíduo representa um estágio ulterior e maduro.

A experiência sofrida há quinze anos por um grande escritor talvez possa ser hoje mais amplamente partilhada, e não necessariamente ligada a uma idade avançada. É para adultos que passaram por essa experiência que o autor procura apresentar a mitologia dos gregos como se lhes estivesse apresentando um autor clássico, um poeta inteiramente despreocupado com a posteridade e tão desinibido quanto Aristófanes. O autor espera encontrar leitores cujo entendimento tenha sido amadurecido pela literatura e pela psicologia do nosso tempo; leitores para os quais não seja demasiado difícil adotar a atitude de Thomas Mann para com a contextura maciça e a liberdade arcaicas, a monotonia e a extravagância sem continuidade dessa documentação espontânea dificilmente superável da natureza humana conhecida como Mitologia Grega; leitores capazes de usufruir tudo isso e capazes, sem dúvida, de compreender que os autores clássicos reconhecidos exigem, para a sua complementação, uma documentação como esta, para poderem apresentar um retrato real da antiguidade grega. Por “documentação” o autor se refere à documentação histórica, e não à interpretação psicológica. Se todo o legado mitológico dos gregos for libertado da psicologia superficial de apresentações anteriores e revelado, em seu contexto original, como material *sui generis*, e tiver suas próprias leis, essa mitologia, como resultado inevitável, terá o mesmo efeito da psicologia mais direta – o efeito, em realidade, de uma atividade da psique exteriorizada em imagens.

A expressão “sobreindividual” deve ser entendida aqui como uma definição um tanto precária. Sobreindividuais são – *per definitionem* –, por exemplo, as “formas do ser”, na interpretação de Walter F. Otto sobre o conteúdo do mito na obra *Die Götter Griechenlands* [Os deuses da Grécia], ou também tudo o que é “arquetípico” no sentido de Jung.

Encontra-se, naturalmente, uma exteriorização direta semelhante da psique em sonhos. O grau de espontaneidade das imagens apresentadas em sonhos e na mitologia, para dizer o menos, é praticamente o mesmo. Nesse sentido, os sonhos e a mitologia estão mais próximos um do outro do que os sonhos e a poesia. Por essa razão o autor, em sua *Einführung in das Wesen der Mythologie* [Introdução à essência da mitologia] (4. ed. Zurique: Rhein-Verlag, 1951), escrita em colaboração com o Professor Jung, achou correto falar na “mitologia individual” dos homens e mulheres modernos como sinônimo da sua psicologia. Com idêntica justificação, qualquer grande mitologia pode – se se ignorarem os aspectos artísticos – ser chamada de “psicologia coletiva”. Claro está que não devemos pôr totalmente de parte o fato de ser também a mitologia, fundamentalmente, uma atividade especial, criativa e, portanto, uma atividade artística da psique. Sem embargo disso, é um tipo especial de atividade. Se bem invada o terreno da poesia, é uma atividade peculiar que pode ser colocada ao lado da poesia, da música, das artes plásticas, da filosofia e das ciências. Não se confunda tampouco como o gnosticismo ou a teologia: deles se distingue – como se distingue também de todos os tipos de teosofia e até das teologias pagãs – por seu caráter artisticamente criativo. A matéria da mitologia compõe-se de algo maior do que o contador de histórias e do que todos os seres humanos – “tais como são agora”, disse Homero –, mas sempre como coisa visível, perceptível ou, pelo menos, capaz de se expressar em imagens, e nunca como a Divindade *in abstracto*, nem mesmo como a Divindade *in concreto*, se esta última deve ser considerada algo inconcebível. A mitologia precisa transcender o indivíduo, e precisa exercer sobre os seres humanos um poder que tem influência sobre a alma e enche-a de imagens; mas isso é tudo o que dela se exige. Tais imagens são a substância da mitologia, como os sons são a substância da música: “a substância de que são feitos os sonhos”, para citar Shakespeare; uma substância inteiramente humana, que se apresenta ao homem que lhe dá forma, ao contador de mitos, como algo objetivo, algo que mana, por assim dizer, de uma fonte superindividual; e que também se apresenta ao espectador – a despeito da nova forma que lhe deu o narrador, a despeito da nova “variação” – não como criação subjetiva do narrador, mas como alguma coisa objetiva.

O mesmo material humano, todavia, muda imediatamente de natureza se for deixado como “matéria morta”, tirado do meio em que vivia. Da mesma forma,

um poema impresso ou uma partitura musical é “matéria morta” – diferente do que era na alma da pessoa para a qual ressoou pela primeira vez. Não é difícil devolvê-lo ao estado primitivo: isso se faz transferindo-o de volta ao seu meio original, numa ressonância centrífuga e centrípeta. De maneira semelhante, a mitologia, para ser comunicada na sua verdadeira natureza, precisa ser transferida de volta ao meio, o meio em que ainda “ressoava” centrífuga e centripetamente – ou seja, o meio em que despertava ecos. A palavra grega *mythologia* contém o sentido assim de “histórias” (*mythoi*) como de “narração” (*legein*): uma forma de narração que, no princípio, também suscitava ecos, despertando a consciência de que a história dizia respeito pessoalmente ao narrador e ao espectador. Para os fragmentos da mitologia grega, que nos foram transmitidos, serem devolvidos da “matéria morta” para as suas personalidades vivas, precisam ser transferidas de volta ao meio da narração e da participação dos espectadores.

Este livro é tentativa experimental de trasladar a mitologia dos gregos, pelo menos até certo ponto, de volta ao meio original, à *narração de histórias mitológicas*. O experimento exige uma situação construída artificialmente, uma ficção admitida abertamente. A situação fictícia basear-se-á no descobrimento típico de uma mitologia viva, descobrimento a que o autor se referiu em seu livro *Die antike Religion* [A religião antiga], em que o empregou para responder à pergunta: “Que é mitologia?” Esse descobrimento foi feito por Sir George Grey. Em 1845, o citado estadista foi mandado pelo governo britânico para a Nova Zelândia e, pouco depois, nomeado governador-geral. Em 1855, apareceu a sua *Polynesian Mythology and Traditional History of the New Zealand Race* [Mitologia polinésia e história tradicional antiga da raça neozelandesa]. No prefácio, Sir George Grey descreve o modo como chegou a escrever a obra. As experiências que o levaram a fazê-lo são tão interessantes que podem ser incluídas no prefácio de qualquer relato de uma mitologia viva – ou de qualquer mitologia apresentada como material vivo.

“Quando cheguei”, conta Sir George, “encontrei os súditos nativos de Sua Majestade empenhados em hostilizar as tropas da Rainha, contra as quais, até aquele momento, haviam pelejado com êxito considerável; o descontentamento também prevalecia, de um modo geral, no seio da população nativa, de sorte que havia fartas razões para temer que os distúrbios, onde ainda não haviam ocorrido, não tardassem a ocorrer, como de fato logo depois ocorreram, em diversas partes das Ilhas. Capacitei-me de

que não poderia governar com êxito nem esperar conciliar um povo numeroso e turbulento, com cuja língua, maneiras, costumes, religião e modos de pensar eu não estava familiarizado. Para reparar os seus agravos, e aplicar remédios que não lhes ferissem os sentimentos nem militassem contra os seus preconceitos, era mister que eu fosse capaz de ouvir com paciência, a qualquer momento e em todos os lugares, as histórias dos seus males e sofrimentos e, ainda que não me fosse dado socorrê-los, dar-lhes uma resposta bondosa, concebida em termos que não lhes deixassem na mente a menor dúvida de que eu os compreendia claramente e doía-me deles, e estava realmente disposto em seu favor [...].

“Essas razões, e outras de igual força, fizeram-me sentir que me corria a obrigação de me familiarizar, o mais depressa possível, com a língua dos neozelandeses, como também com suas maneiras, costumes e preconceitos. Não tardei a descobrir, porém, que essa era uma questão muito mais difícil do que eu a princípio supusera. A língua dos neozelandeses é muito difícil de se compreender integralmente: sem um dicionário (a menos de se poder chamar assim a um vocabulário); sem livros publicados nessa língua, que me permitissem estudar-lhe a construção; eu a via variar, na forma, em relação a qualquer língua antiga ou moderna que conhecia; e meus pensamentos e o meu tempo estavam tão ocupados com os cuidados do governo de um país, então oprimido por inúmeras dificuldades, e no qual se espalhava uma rebelião formidável, que só encontrei pouquíssimas horas para dedicar à aquisição de uma língua não escrita e difícil. Fiz, contudo, o melhor que pude e consagrei alegremente todos os meus momentos vagos a uma tarefa cuja realização me permitiria desempenhar adequadamente todos os meus deveres para com o meu país e para com o povo que fui nomeado para governar.

“Não tardou, porém, que uma nova e inesperada dificuldade se apresentasse. Do lado do partido rebelde estavam engajados, abertamente ou não, alguns dos mais velhos, dos menos civilizados e mais influentes chefes da ilha. Com eles tive de discutir, pessoalmente ou por meio de comunicações escritas, questões que envolviam a paz e a guerra, e das quais dependia todo o futuro das ilhas e da raça nativa, de modo que era indispensável que eu lhes compreendesse plena e integralmente os pensamentos e as intenções e que eles, de maneira alguma, interpretassem mal a natureza dos compromissos por mim assumidos em relação a eles. Para minha surpresa, no entanto, descobri que esses chefes, nos discursos que me faziam ou em suas cartas, ao explicarem pontos de vista e intenções, citavam amiúde fragmentos de antigos poemas ou provérbios, ou faziam alusões estribadas num antigo sistema de mitologia; e, conquanto ficasse claro que as partes mais importantes de suas comunicações estavam incluídas nessas formas figurativas, os intérpretes ficavam sem saber o que fazer, raramente podiam traduzir os poemas ou explicar as alusões (se é que podiam fazê-lo alguma vez), e não existiam publicações que projetassem alguma luz sobre esses assuntos ou dessem o significado da grande massa de palavras de que eles se utilizavam nessas ocasiões; de modo que me vi compelido a contentar-me com uma curta declaração de ordem geral sobre o que algum outro nativo acreditava que o autor da carta tencionava transmitir como seu significado pelo fragmento do poema que citara ou pelas alusões que fizera. Devo acrescentar que até a grande maioria dos jovens nativos cristãos estava tão perplexa no tocante a esses assuntos quanto os intérpretes europeus.

Era evidente, contudo, que eu não poderia permitir, como governador do país, a permanência de um véu tão denso entre mim e os chefes idosos e influentes, a quem era minha obrigação associar aos interesses britânicos e à raça britânica, cujo respeito e confiança, como também os de suas tribos, era meu desejo assegurar, e com os quais se fazia necessário que eu mantivesse o intercâmbio mais irrestrito. Nessas circunstâncias, eu só podia fazer uma coisa, ou seja, familiarizar-me com a antiga língua do país, coligir-lhe os poemas e as lendas tradicionais, induzir-lhe os sacerdotes a transmitir-me a sua mitologia, e estudar-lhe os provérbios. Por mais de oito anos dediquei grande parte do meu tempo disponível a essas atividades. Na realidade, trabalhei com esse propósito em meus momentos livres em todas as partes do país que atravessei, e durante minhas muitas viagens de uma porção a outra das Ilhas. Eu era sempre acompanhado de nativos, e em todos os intervalos possíveis persistia em minhas indagações a respeito desses assuntos [...].”

Pede-se agora ao leitor que imagine que estamos fazendo uma visita, com intenções semelhantes às de *Sir George Grey*, a uma ilha grega. Se estudou os clássicos, lembrar-se-á de ter estado numa situação semelhante à do governador: para compreender os gregos, ele achou necessário estudar-lhes não somente a língua, mas também a mitologia. Podemos citar, aqui, as observações de grandes historiadores: “Para compreender os gregos daquela época” – lemos na obra de Ulrich Wilckens, *Alexander der Grosse* [Alexandre o Grande] – “é preciso lembrar-se daquela peculiaridade da sua natureza em que, como disse certa vez Jacob Burckhardt, ‘o mito era a base ideal de toda a sua existência’. Era perfeitamente natural referir-se, mesmo nas questões políticas mais prosaicas, o processo mítico ou até, caso assim o exijam os interesses do momento, adaptar os mitos e projetar conceitos atuais para épocas míticas a fim de dar-lhes mais força. Este conceito teve grande importância também na vida de Alexandre”. A citação é de M.P. Nilsson, no livrinho *Cults, Myths, Oracles and Politics in Ancient Greece* [Cultos, mitos, oráculos e política na Grécia Antiga] (Londres, 1951), constituindo assim a opinião simultânea “de três historiadores, entre os quais Burckhardt com sua *Griechischen Kulturgeschichte* [História da cultura grega] certamente não é menor; não poderíamos omiti-la no nosso convite ao leitor para este empreendimento mitológico, muito embora trate mais da importância da mitologia na política do que na vida diária, e enfatize mais a idealização e o reflexo do presente do que a validade de “normas originais, de formas originais”. Nesta ocasião, porém, não lhe é necessário estudar a gramática grega, nem usar dicionários de mitologia.

Sua situação é mais ou menos parecida com a do Conde de Marcellus,

ministro francês junto à Sublime Porta, que em 1818 saiu de Constantinopla para visitar as ilhas no Mar de Mármara e ali encontrou um grego culto chamado Yacobaki Rizo Néroulos. Rizo, que falava o francês tão bem quanto o grego, revelou ao conde a grande epopeia dionisíaca de Nono, que o conde mais tarde traduziu e mandou publicar. Suponhamos que nós, em nossa ilha, encontremos um grego semelhante, que nos revele a mitologia dos seus antepassados. Tudo o que sabe dela é o que se pode ler nos clássicos ou aprender com os monumentos. Ele lhe chama a “nossa” mitologia e, quando diz “nós”, refere-se aos gregos antigos.

Esse “nós” é simplesmente uma conveniência de narração, por cujo intermédio a mitologia pode ser mais facilmente transferida de volta ao meio original. O autor não traz em seu apoio nenhuma autoridade mais alta do que aquela a que se referem de hábito os eruditos quando usam a palavra “nós”. Todo relato de uma mitologia – a não ser que lhe reproduza as fontes no texto original e na sua condição fragmentária (processo, a propósito, que ofereceria ao leitor mera “matéria morta”) – há de ser uma interpretação. E toda interpretação é condicionada pelo grau de receptividade do apresentador contemporâneo do material – o que quer dizer que é condicionada por um fator subjetivo. A falta de receptividade em relação à música, à poesia ou à pintura conduziria, porventura, a uma interpretação satisfatória dos produtos dessas artes? O fator subjetivo não pode ser eliminado, mas precisa ser compensado pela vigilância do intérprete e pela sua fidelidade ao material.

Na tentativa de alcançar essa fidelidade, o autor tentou fazer as histórias permanecerem fiéis – palavra por palavra, sempre que possível – aos textos originais. Versões variadas – as variações sobre um tema, características de toda mitologia – não foram equiparadas umas às outras. O autor baseia-se na suposição – geralmente confirmada pela soma do material disponível, e que impõe apenas uma generalização mínima e inevitável – de que todo tema mitológico tem sido, em cada período, assunto de histórias diferentes, cada uma das quais variamente condicionada pelo lugar, pelo momento e pelos poderes artísticos do narrador. Do tratamento apropriado dessas variações – que não devem ser ignoradas nem superenfáticas – depende a resposta à pergunta sobre se a apresentação da mitologia grega, tal como é tentada aqui, pode ser

bem-sucedida; se pode ser uma apresentação autêntica de tudo o que foi realmente transmitido. Sentimo-nos, naturalmente, muito tentados a estender-nos sobre cada variação, a explicar onde e quando e de que autor ela procede primeiro, e a pensar em explicá-la de maneira mais ou menos plausível. Esta foi até aqui a prática habitual, com o resultado de terem sido as histórias propriamente ditas, por assim dizer, relegadas a um segundo plano, como se a mitologia grega só fosse interessante em razão das explicações válidas ou conjecturais. A transferência do interesse das histórias antigas para os comentários modernos é alguma coisa que este autor fez o possível para evitar.

Os contadores de histórias originais da mitologia grega justificavam suas variações com o simples ato da narração, cada qual à sua maneira, da história. Em mitologia, *contar* é justificar. As palavras “Contava-se”, que o leitor deste livro encontrará com tanta frequência, não pretendem compensar o fato de os tons do contador de histórias original, e não raro, infelizmente, a própria narrativa original, estarem agora extintos. Só tencionam concentrar a atenção do leitor na única coisa que importa – a saber, *o que* era contado. Isto, como quer que fosse afeiçãoado, era essencialmente e em todas as suas formas, desenvolvimentos a variações, a mesma história básica, permanente e inequívoca. As *palavras* da história básica desapareceram, e tudo o que temos são variações. Mas por trás das variações pode reconhecer-se alguma coisa comum a todas elas: uma história contada de muitas maneiras, mas que, apesar disso, continuou sendo a mesma. O autor procurou neste livro evitar a rigidez de uma terminologia rigorosa que, até certo ponto, violentaria o material fluido. Ele prefere, por exemplo, a palavra “história” a “*mitologema*”. Esta última expressão serviria simplesmente para enfatizar – como, de fato, foi necessário em certa ocasião – o fato de serem os “textos básicos” da mitologia, na verdade, obras textuais, como poemas ou composições musicais, que não podem ser arbitrariamente dissolvidos em seus elementos, pois assim se tornariam algo diferente – um amontoado de “material morto” e mudo.

Agora se faz preciso dirigir a atenção para outro aspecto dos “textos básicos” da mitologia grega. Esses textos, as “histórias” perpetuamente repetidas, são também “obras” – criações dos narradores. Mas não são inteiramente “obras”. Até o primeiríssimo narrador nada mais fez do que pegar os personagens de um

drama – pois um conto mitológico é sempre uma espécie de drama – e colocá-los no palco. Fê-los aparecer e falar à feição do seu tempo e da sua arte; a principal característica da mitologia, contudo, é que as suas *dramatis personae* não se limitam a representar o drama, mas – como as figuras de um sonho – o constroem realmente. Para prosseguir na comparação, e explicar-lhe mais acuradamente o sentido, elas levam para o palco o plano de um dramazinho próprio, o qual, de ordinário, tem certo grupo necessário de personagens – um par, um terno, uma quadra. Dessa maneira, a Grande Mãe aparece com os seus dois companheiros e o seu queridinho: com os três filhos que, juntos com ela, constituem uma quadra. Até nesse estágio original, a “obra” mitológica continha – como toda obra de arte – elementos conscientes e inconscientes. As *dramatis personae* são escolhidas e, simultaneamente, se impõem. Uma traz outra após si, e a história – *por sua própria vontade* – passa a existir; ao narrador só resta completá-la. E a completção, durante o tempo todo, é condicionada pelos personagens e pelo seu comportamento intencional, embora esquemático.

Assim como Goethe, ao construir a ação do Mefistófeles, estava amarrado não somente à história popular do Doutor Fausto, mas também a uma “trama” dramática peculiar ao conceito do diabo – trama que exigia igualmente personagens seduzidas e traídas –, assim também um poeta antigo, tão antigo quanto o do Hino Homérico a Hermes, estava amarrado a uma “trama” definida para qualquer história que desejasse contar a respeito do deus. Não se justifica nenhuma distinção fundamental entre as obras poéticas que tratam de figuras como a de Hermes e os textos em prosa em que as mesmas figuras aparecem. Mitologia é tudo o que apresenta figuras que, numa história de religião, seriam definidas como deuses ou demônios. São dados históricos de uma cultura passada. Nos textos encontrados neste livro elas serão apresentadas debaixo de outro aspecto também: o do seu comportamento como dados *humanos* numa situação em que tal comportamento ainda estava livre de restrições. Essa antiga liberdade das restrições tem para nós hoje a vantagem científica de que as figuras e o seu comportamento podem ser observados como observamos uma peça num teatro – por puro entretenimento, se quisermos. Mas a peça contém um ensinamento relativo a deuses que é também um ensinamento relativo a seres humanos.

Não se pode garantir que as histórias terão sempre a linearidade completa do drama. Os textos que têm um efeito diretamente dramático – como o Hino Homérico a Hermes, os dois hinos a Afrodite, o relato hesiódico do Feito de Crono – são raros. São, na verdade, textos poéticos mas, não obstante, suficientemente arcaicos – estando, além disso, libertados da camisa de força estilística do verso heroico – para permitir uma eficácia ilimitada à “trama”, o plano básico da ação mitológica. Na obra de poetas subsequentes – os alexandrinistas ou Ovídio – costuma acontecer que, mesmo quando se segue o texto básico original, o plano básico, na maioria das vezes, é substituído pelas motivações de uma psicologia nova, pessoal. O feito de Crono; a situação de Afrodite no meio de um par masculino; a necessidade de Hermes de descobrimento e invenção – que significa também invenção no sentido do engano: não são produtos de uma psicologia pessoal dessa espécie; são produtos da humanidade num nível mais geral e impessoal. Esses textos básicos constituem exemplos das lições humanas mais gerais que a mitologia nos ministra: um ensino que se coaduna com o da psicologia do inconsciente, mas que é apresentado em sua própria forma de demonstração dramática.

Raras vezes é possível oferecer uma representação dramática direta que proporcione, ao mesmo tempo – como os textos clássicos há pouco mencionados –, um vislumbre do drama mitológico subjacente. Além das *dramatis personae*, o elenco apresentado nesta obra compreenderá outrossim um personagem fictício, que conta as histórias da mitologia grega. Esse personagem recitará o Prólogo antes das seções maiores e menores da narrativa; apresentará, ao jeito clássico da tragédia grega, os outros personagens, à proporção que eles vão aparecendo, e lhes descreverá os “trajos” – como o fará em relação às Erínias, por exemplo.

Uma comparação com o palco grego, contudo, não explica toda a função do “narrador” neste livro. A história que ele conta foi transmitida de vários períodos. O autor não tinha a intenção de compilar fragmentos num nível fictício, como se todos pertencessem ao mesmo período ou a uma antiguidade estática, sem fim. O que ele oferece é um mosaico em que cada pedrinha está separada da vizinha, e é até transponível. Posto que não empurre o estudante de história para o segundo plano – fazê-lo seria interferir no estilo da narrativa e fragmentar-lhe a forma com a interpolação de longas dissertações eruditas – faz

o narrador mover-se continuamente na dimensão do Tempo. O autor teve sempre em mente as cronologias comparativas atribuídas às histórias pela pesquisa histórica, até quando ao sentiu constrangido a modificá-las à luz dos próprios estudos históricos. (Ele o fez, por exemplo, na primeira datação de contos arcaicos dos seguidores de Orfeu na tentativa de reconstrução de “*Die orphische Kosmogonie und der Ursprung der Orphik*” [A cosmogonia órfica e a origem da órfica]. In: *Pythagoras und Orpheus* [Pitágoras e Orfeu]. 3. ed. Ausgabe, Albae Vigiliae, N.F. IX.)

O objetivo deste livro é dar à mitologia grega tanta objetividade quanta lhe pode ser dada hoje em dia: uma objetividade como a que Sir George Grey encontrou na mitologia polinésia. Esse objetivo não pode ser alcançado sem uma reconstrução. Para o autor, porém, “reconstrução” significa apenas a concretização do que se encontra nas fontes históricas. Ele se impôs restrições que talvez nem sempre agradem ao leitor, que gostaria, sem dúvida, de seguir as histórias além dos limites dos textos supérstites. O autor não levou nenhuma história além das fontes permitidas pela sua consciência de estudioso. Entretanto, não se absteve de indicar possíveis continuações e combinações. Está visto que o leitor pode não fazer caso dessas indicações e contentar-se com os textos originais, que pode examinar, com o auxílio das notas fornecidas, nos autores clássicos. Convidamo-lo também a fazer uso do índice se quiser descobrir, com uma simples vista de olhos, a informação mitológica que este livro proporciona a respeito de qualquer deus ou deusa.

O autor não seguiu as histórias pelo campo da saga heroica grega, em que os problemas de distorção mercê da narração repetida são muito mais difíceis de resolver do que na mitologia no sentido mais estreito. Os temas da mitologia dos heróis sempre foram tratados pelos antigos poetas com mais detalhes, mas também com mais liberdade que as histórias sobre os deuses. Eles são contados com intenções específicas, puramente artísticas em determinados segmentos. Tentaremos, ainda assim, contar novamente as histórias num segundo volume. As liberdades tomadas pelo douto poeta não foram concedidas ao autor desta obra. O que espera ter conseguido é ter perturbado tão pouco o inter-relacionamento dos deuses quanto seria de esperar de obra baseada em pesquisa erudita de muitos autores, fontes e sugestões. O historiador, embora muito mais

cauteloso, pode tentar uma reconstrução da saga heroica: reconstrução, nem sentimental nem seca, de alguma coisa que entusiasmou os gregos. As liberdades tomadas pelo douto poeta não teriam sido concedidas, nem sequer lhe seriam permissíveis, ao autor desta obra. O que este último espera de seus contos recontados é que tenham embaraçado tão pouco o livre movimento dos deuses quanto seria de esperar de uma obra baseada em pesquisa erudita.

Em conclusão, uma mensagem ainda mais pessoal para o leitor indulgente. Este livro apresenta as histórias sobre os deuses da mitologia grega, juntamente com as histórias respeitantes à origem e ao destino da humanidade, de tal forma que elas podem ser lidas do princípio ao fim, como se fossem capítulos da mesma narrativa. O autor fez o melhor que pôde para facilitar essa maneira de ler. Houve uma coisa, no entanto, que ele não se sentiu autorizado a fazer. Perderam-se as formas arcaicas de tantos contos que o corpo todo do que chegou até nós, e pode ser apresentado, tornou-se excessivamente compacto. Essa compacidade não deve ser afrouxada artificialmente. Já em Ovídio descobrimos que o espírito arcaico se estragou num processo de diluição. O autor decidiu não tentar proporcionar nenhuma facilidade desse gênero. O melhor plano para o leitor, por conseguinte, é não absorver uma quantidade excessiva desse alimento sólido de uma assentada, mas ler apenas umas poucas páginas por vez – e, de preferência, mais de uma vez, como leria um poema antigo. As palavras do compositor em *Ariadne em Naxos* de Hofmannsthal podem citar-se aqui: “O Segredo da Vida aproxima-se de você, tome-a pela mão”. As linhas introdutórias da primeira edição foram escritas em Ponte Brolla, em 4 de junho de 1951. Desde essa ocasião, tanto em viagens por países mitológicos como durante o meu trabalho, apresentaram-se várias ocasiões e oportunidades para eu continuar a obra *Heroenmythologie der Griechen* [Mitologia dos heróis gregos] e fazer revisões que me levaram a concluir que o que está escrito na Mitologia dos gregos deve ficar como está. Foram feitas algumas modificações no capítulo sobre os cabiros e os télquines, como resultado da minha viagem à Samotrácia, cujo diário pode ser lido em *Unwillkürlichen Kunstreisen* [Viagens artísticas espontâneas] (Zurique, 1954). O livro de Walter F. Otto *Die Musen und der göttliche Ursprung des Singens und Sagens* [As musas e a origem divina dos cantos e das sagas] trouxe uma ampliação ao capítulo sobre as musas. O ponto de vista do narrador – o sábio sensato das ilhas gregas, que nunca se imaginaria ser

um velho grego – ficou muito claro para que o leitor não se sinta tentado a ver nele a figura de um teórico inflexível, em vez de adotar uma atitude receptiva, que é a única forma correta de abordar este assunto.

Ascona, Natal de 1955

I

O COMEÇO DAS COISAS

1 Oceano e Tétis

Nossa mitologia contém muitas histórias acerca do princípio das coisas. A mais velha talvez fosse aquela a que se refere o nosso poeta mais antigo, Homero, quando chama Oceano de a “origem dos deuses”^[1] e “a origem de tudo”.^[2] Oceano era um deus-rio; um rio ou curso de água e um deus na mesma pessoa, como os demais deuses-rios. Possuía poderes inexauríveis de gerar, exatamente como os nossos rios, em cujas águas as raparigas da Grécia costumavam banhar-se antes do casamento e que se supunha fossem, portanto, os primeiros antepassados de antigas raças. Oceano, porém, não era um deus-rio comum, pois o seu rio não era um rio comum. Desde o momento em que tudo se originou dele, continuou a fluir até a orla mais extrema da terra, fluindo de volta sobre si mesmo num círculo. Os rios, as nascentes e as fontes – na verdade, todo o mar – saem continuamente da sua corrente ampla e poderosa. Quando o mundo veio a ficar sob a autoridade de Zeus, só a ele se permitiu permanecer no lugar anterior – o qual, na verdade, não é um lugar, senão apenas um fluxo, um limite e uma barreira entre o mundo e o além.

Entretanto, não é rigorosamente correto dizer que “só a ele se permitiu”. Associada a Oceano estava a deusa Tétis, acertadamente invocada como Mãe^[3]. Como poderia ter sido Oceano a “origem de tudo” se existia em sua pessoa tão somente uma corrente masculina original, desacompanhada de uma deusa original da água capaz de conceber? Compreendemos também por que se diz em Homero que o casal original durante muito tempo se absteve de procriar^[4]. Comenta-se que eles brigaram; explicação que bem poderíamos esperar encontrar em histórias antigas dessa natureza. O fato é que, se a procriação original não tivesse cessado, o nosso mundo não teria estabilidade, não teria uma

fronteira arredondada, não teria um curso circular que voltasse sobre si mesmo. O gerar e o criar teriam continuado até o infinito. Destarte, Oceano ficou apenas com o fluxo circular e a tarefa de abastecer as nascentes, os rios e o mar – subordinado ao poder de Zeus.

A respeito de Tétis pouca coisa nos diz a nossa mitologia, a não ser que era mãe das filhas e filhos de Oceano^[5]. Os últimos são os rios, em número de três mil^[6]. As filhas, as Oceânidas, são igualmente numerosas^[7]. Mais tarde mencionarei as mais velhas. Entre as netas havia uma cujo nome, Tétis (Thetis), soa como Tétis (Tethys), nome da companheira de Oceano. Em nossa língua fazemos clara distinção entre os dois nomes; mas pode ser que, para as pessoas que viviam na Grécia antes de nós, eles estivessem muito próximos um do outro no som e no sentido e significassem uma e a mesma Senhora do Mar. Logo mais tornarei a falar de Tétis (Thetis). A prevalência dessa história e a predominância dessas divindades por todo o nosso mar provavelmente remontam a um tempo em que povos de raça grega ainda não habitavam essas regiões.

2 A noite, o Ovo e Eros

Outra história do começo das coisas foi transmitida nos escritos sagrados preservados pelos discípulos e devotos do cantor Orfeu. Posteriormente, porém, só foi possível encontrá-la nas obras de um autor de comédias e em algumas referências feitas a elas por filósofos. De início, era mais comumente contada entre caçadores e habitantes de florestas do que entre os povos da costa marinha. No princípio era a Noite – assim reza a história^[8] – ou, em nossa língua, Nyx. Homero também a considerava uma das grandes deusas, uma deusa que inspirava ao próprio Zeus um temor sagrado e respeitoso^[9]. De acordo com a história, ela era um pássaro de asas negras^[10]. A antiga Noite concebeu do Vento e botou o seu Ovo^[11] de prata no colo gigantesco da Escuridão. Do Ovo saltou impetuoso o filho do Vento, um deus de asas de ouro. Chama-se Eros, o deus do amor; mas este é apenas *um* nome, o mais lindo de todos os nomes usados pelo deus.

Os outros nomes do deus, pelo menos os que ainda conhecemos, em que pese ao seu som muito escolástico, referem-se apenas a determinados pormenores da velha história. Seu nome Protógono só quer dizer que ele foi o

“primogênito” de todos os deuses. Seu nome Fanes explica exatamente o que fez ao sair do Ovo: revelou e trouxe à luz tudo o que antigamente jazera escondido no Ovo de prata – em outras palavras, o mundo inteiro. Acima dele estava um vazio, o Céu. Abaixo dele, o Repouso. A nossa língua antiga tem uma palavra para o vazio, “Caos”, que significa simplesmente que ele “boceja”. No início não havia palavra que significasse tumulto ou confusão: “Caos” só adquiriu, mais tarde, o segundo significado após a introdução da doutrina dos Quatro Elementos. Assim sendo, o Repouso, bem abaixo do Ovo, não estava agitado. De acordo com outra forma da história, a terra jazia abaixo do Ovo, e o Céu e a Terra se casaram^[12]. Essa foi a obra do deus Eros, que os trouxe para a luz e depois os obrigou a se misturarem. Eles produziram um irmão e uma irmã, Oceano e Tétis.

A velha história, tal como é contada em nossas terras litorâneas, provavelmente continuava relatando que, a princípio, Oceano estava embaixo no Ovo, e não estava só, senão acompanhado de Tétis, e que esses dois foram os primeiros a agir sob a compulsão de Eros. Como está dito num poema de Orfeu^[13]: “Oceano, o que flui lindamente, foi o primeiro a se casar: tomou por esposa Tétis, sua irmã por parte de Mãe”. A Mãe dos dois era a mesma que botara o Ovo de prata: a Noite.

3 O Caos, Geia e Eros

A terceira história do princípio das coisas vem de Hesíodo, lavrador e poeta ao mesmo tempo e que, na mocidade, pastoreava carneiros na montanha divina do Hélicon^[14]. Eros e as Musas tinham ali santuários. Os discípulos do cantor Orfeu prestavam uma reverência especial a essas divindades e talvez tivessem trazido o seu culto de regiões mais setentrionais. A história de Hesíodo soa como se ele tivesse omitido simplesmente o ovo da história da Noite, o Ovo e Eros, e tivesse procurado, como o faria um lavrador, atribuir a posição de deusa mais velha a Geia, a Terra. Pois o Caos, citado em primeiro lugar, não era para ele uma divindade, mas tão somente um “bocejo” vazio – o que sobra do ovo vazio depois de retirada a casca.

Como o relata Hesíodo^[15]: primeiro surgiu o Caos. Surgiram depois Geia, a dos vastos seios, firme e eterna morada de todas as divindades, tanto as que

moram no alto, no Monte Olimpo, quanto as que moram dentro dela, na terra; e surgiu, da mesma forma, Eros, o mais belo dos deuses imortais, que liberta os membros e governa o espírito de todos os deuses e homens. Do Caos descendem Érebo, a escuridão sem luz das profundezas; e *Nyx*, a Noite. *Nyx*, apaixonada por Érebo, deu à luz Éter, a luz do céu, e Hêmera, o dia. Geia, por seu turno, deu à luz, primeiro de todos e seu igual, o Céu estrelado, Urano, de modo que ele pudesse cobri-la completamente e ser uma firme e eterna morada dos deuses bem-aventurados. Ela deu à luz as grandes montanhas, cujos vales são residências favoritas de deusas – as Ninfas. E deu à luz o desolado Mar espumante, o Ponto. E deu-os todos à luz sem Eros, sem casar.

De Urano ela deu à luz, além dos Titãs e das Titânidas (entre as quais Hesíodo inclui Oceano e Tétis), também três Ciclopes: Estéropes, Bronteu e Argeu. Estes têm um olho redondo no meio da testa e nomes que significam raios e trovões. De Urano ela também deu à luz três Hecatônquiros – gigantes, cada um dos quais tinha uma centena de braços e cinquenta cabeças: Coto, “o que bate”; Briareu, “o forte”; e Gias, “o lembrado”. Mas toda a história do casamento de Urano e Geia – embora deva ter sido originalmente uma das histórias relativas ao princípio das coisas – já nos leva à dos Titãs. É a primeira desse tipo especial em nossa mitologia. Passarei a relatar as outras na devida ordem.

II

HISTÓRIAS DOS TITÃS

As histórias dos Titãs referem-se a deuses pertencentes a um passado tão distante que só os conhecemos através de histórias de um tipo especial, e apenas como executores de determinada função. O nome Titã, desde os tempos mais remotos, tem sido associado à divindade do Sol e parece ter sido, no início, o título supremo de seres que eram, na verdade, deuses celestes, mas deuses muito antigos, ainda selvagens e sujeitos a nenhuma lei. Não os considerávamos de maneira alguma dignos de adoração; com a única exceção, talvez, de Crono; e com a exceção também de Hélios, se o identificarmos com o mais selvagem Deus do Sol primordial. É verdade que esses dois têm locais de culto aqui e ali. Os Titãs eram deuses de uma espécie que só tem função na mitologia, a função dos derrotados: até quando logram vitórias aparentes – antes que as histórias cheguem à sua inexorável conclusão. Esses derrotados trazem a característica de uma geração masculina mais velha: as características de antepassados cujas qualidades perigosas reaparecem na posteridade. Nos relatos que se seguem veremos a espécie de seres que eles eram.

1 Urano, Geia e Crono

Urano, o deus do céu, procurava à noite sua esposa, a Terra, a deusa Geia^[16]. Os dois filhos brilhantes da Noite e da Escuridão, as crianças Éter e Hêméra, que apareciam durante o dia, já foram mencionados. Urano vinha todas as noites para o acasalamento. Mas, desde o princípio, odiou os filhos que Geia lhe dava^[17]. Logo que nasciam, escondia-os sistematicamente e não os deixava ver a luz. Escondia-os nas cavidades interiores da terra. Com esse trabalho perverso – assim o declara expressamente Hesíodo – ele se deleitava. A gigantesca deusa Geia lamentava-se, aflitíssima, e sentia-se oprimida pelo fardo interior. Por essa

razão, também inventou um stratagema perverso. Não tardou a produzir o ferro cor de cinza. Fabricou uma poderosa foice, de dentes afiados, e aconselhou-se com os filhos.

O número destes já era grande. Hesíodo enumera, além de Oceano, também Ceos, Crio, Hiperíon, Jápeto e, como o mais moço, Crono. Esses seis irmãos tinham seis irmãs: Teia, Reia, Têmis, Mnemósina, Febe, a engrinaldada de ouro, e a doce Tétis. Em sua angústia, disse Geia a todos os filhos, mas especialmente aos homens: “Ah, meus filhos – e filhos, também, de um pai nefando –, não quereis ouvir-me e punir vosso pai por esse cruel malfeito? Ele foi o primeiro a engenhar um ato vergonhoso!” Estavam todos com medo, e nenhum abriu a boca. Somente o grande Crono, o pensador tortuoso, respondeu. “Mãe”, disse ele, “dou-te a minha promessa e agirei de acordo com ela. Pouco se me dá do nosso pai, de nome odiado. Ele foi o primeiro a engenhar um ato vergonhoso!” Diante disso, Geia regozijou-se. Escondeu o filho no lugar indicado para a emboscada, pôs a foice na mão dele e contou-lhe toda a trama. Quando Urano chegou, ao cair da noite e, inflamado de amor, cobriu a terra e deitou-se sobre ela, o filho estendeu a mão esquerda do sítio da emboscada e empolgou o pai. Com a direita pegou a imensa foice, cortou rapidamente a virilidade do pai e atirou-a para trás de si.

Geia recebeu no ventre o sangue derramado pelo marido, e deu à luz as Erínias – as “fortes”, como Hesíodo lhes chama – e também os Gigantes e as Ninfas do Freixo, ou Ninfas Mélias, das quais surgiu uma raça dura de homens. A virilidade do pai caiu no mar, e assim – segundo histórias que contarei mais tarde – nasceu Afrodite. O que Hesíodo não nos diz (conquanto seja uma coisa que todos os leitores da história dos Titãs perceberão incontinenti) deve ser agora acrescentado: a saber, que desde o ato sanguinolento de Crono, o céu nunca mais se aproximou da terra para o casamento noturno. A geração original chegou ao fim e a ela se seguiu o reinado de Crono. Essa é outra das histórias dos Titãs.

2 Crono, Reia e Zeus

Do número total de doze Titãs e Titânidas, três irmãos tomaram três irmãs por esposas – ou, mais corretamente, três irmãs tomaram três irmãos por

maridos. Nesses casos Hesíodo sempre menciona a divindade feminina primeiro. A Titânida Teia deu a seu marido Hiperión, Hélio, o sol, Selene, a lua, e Eos, a aurora^[18]. Febe deu a Ceos uma soberba raça de deuses^[19], que compreendia as deusas Leto, Ártemis e Hécate, e um deus masculino, Apolo. Reia desposou Crono^[20], a quem deu três filhas e três filhos: as grandes deusas Héstita, Deméter e Hera, e os grandes deuses Hades, Posídon e Zeus. Assim como o Pai Crono era o filho mais moço de Urano, assim Zeus – de acordo com Hesíodo, o qual, ao referir-se a divindades anteriores e à suserania de Zeus, enfatiza especialmente e enaltece suas origens maternas – era o filho mais moço de Reia e Crono^[21]. Os que davam importância à origem paterna – como Homero, por exemplo – acreditam que Zeus foi o filho mais velho de Crono. Mas ao contar a história dos Titãs é melhor seguir Hesíodo do que Homero, o qual, como toda a sua escola de poetas, não apreciava as histórias desse tipo e só se referia a elas raras e indiretamente.

O Grande Crono devorava todos os filhos assim que deixavam o ventre sagrado da mãe e caíam entre os joelhos dela^[22]. Ele era rei entre os filhos de Urano e não queria que nenhum outro deus lhe sucedesse na posse dessa dignidade. Geia, sua mãe, e o Céu estrelado, seu pai, lhe haviam vaticinado que ele seria deposto por um filho poderoso. Daí que, continuamente alerta, engolissem os filhos. Para Reia isso era uma dor insuportável. Desse modo, quando se viu prestes a dar à luz Zeus, futuro pai dos deuses e dos homens, entrou a suplicar aos pais, à Terra e ao Céu estrelado, que lhe dissessem como poderia pôr o filho secretamente no mundo e vingar as crianças engolidas pelo grande Crono, o pensador tortuoso.

Geia e Urano ouviram a prece da filha e revelaram-lhe o que fora decidido sobre o futuro do rei Crono e de seu filho. Os pais mandaram Reia para Licto, na Ilha de Creta, onde Geia se encarregou do recém-nascido. Quando Reia levou a criança a Licto, na escuridão da noite, escondeu-a numa caverna na montanha coberta de bosques de Egém. Por outro lado, ofereceu ao filho de Urano, o primeiro rei dos deuses, uma grande pedra enrolada em cueiros. O deus terrível pegou a pedra e enfiou-a no estômago, sem compreender que o filho, invicto, e que não se preocupava com ele, estava apenas esperando o momento de derrubar o pai, tirar-lhe a autoridade e reinar no lugar dele. Rapidamente, cresceram os

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Mitologia dos Gregos Vol. I - PDFDri..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).